

Jesus.

Jesus Christo é o auctor e portador da graça,
elle é a misericordia graça e o mais agraciado
entre os filhos do homem. Porque, como
de Deus, elle é a Pessoa do Verbo divino,
quem tudo quanto existe na ordem natu-
ral e sobrenatural, foi feito.

Como Deus, elle ama desde a eternidade
seu Pai celestial; cujo amor para com
se manifesta pelo Espirito Santo, que
delle e do Pai procede desde a eternidade.
Como homem, e emquanto inferior ao Pai,
elle é infinitamente superior a nós, não
só pelas suas perfeições individuais e bon-
nas; mas, além d'isto, porque a sua pessoa
é a mesma Pessoa do Verbo consubstancial
a natureza divina.

LM 0104

JESUS, OS SANTOS E OUTROS.

Jesus

Jesus Cristo é o autor e portador da graça, ele é a mesma graça e o mais agraciado entre os filhos do homem. Porque como filho de Deus ele é a Pessoa do Verbo Divino, por quem tudo quanto existe na ordem natural e sobrenatural, foi feito.

Como Deus, ele ama desde a eternidade a seu Pai celestial; cujo amor para com ele se manifesta pelo Espírito Santo, que dele e do Pai procede desde a eternidade. Como homem, conquanto inferior ao Pai, ele é infinitamente superior a nós, não só pelas suas perfeições individuais e humanas; mas além disto, porque a sua pessoa é a mesma Pessoa do verbo consubstancial a natureza divina.

Ele é nosso irmão, porque mediante a sua humanidade, nos tornou filhos adotivos de Deus e é também o nosso Salvador, porque sofrendo como homem, mereceu como Deus e nos livrou do cativo de Satanás.

E eis aqui a razão porque tendo o homem sido criado por ele para si pelas graças dons celestiais que nos confere, nos sentimos inclinados, levados por uma necessidade intrínseca a buscá-lo pelo amor e no amor. Pelo que sempre agitado permanecerá o nosso coração, enquanto pela posse da graça santificante nele não repousarmos tranqüilamente.

Mas afim de que em cada um de nós se verifique tão sublime transporte, é necessário que cooperemos à graça, para que (com Jesus Cristo e por Jesus Cristo, nos transfiguremos cada qual em seu Tabor(sic) pela dor e pelo amor. E este Tabor é precisamente a perfeição cristã, a qual só poderemos chegar pela prática das virtudes e a identificação de nossa vontade ao divino beneplácito.

O Santo

Jesus é o santo por excelência, antes, ele é a mesma santidade para qual todos santos e as almas contemplativas, no céu e na terra, têm voltado as suas vistas. E ele é não só santo por excelência, contemplado como Deus, porque é a Pessoa do Verbo

divino, mas ainda contemplado, como homem, porque é o mais perfeito entre os filhos dos homens.

Infelizmente apesar da devoção ao seu santíssimo coração, Jesus Cristo ainda não é amado como poderia ser amado e ele tanto o desejaria ser amado como homem. E é por este motivo que vamos tratar da íntima natureza do Verbo encarnado ocupando-nos, isto é, de sua santíssima humanidade, porque estava certo, que se tivermos um nítido conhecimento deste inefável mistério, ser-nos-á mais fácil concebermos um grande amor para com a santíssima humanidade de Jesus Cristo nosso adorável Redentor.

E creiam que rendendo culto de amor e gratidão à humanidade de Jesus Cristo, não faremos injúria a Divindade, porque Jesus Cristo é a Pessoa do Verbo Divino, na qual vão pairar todas as homenagens que rendemos a santíssima humanidade de Jesus Cristo. Felipe, quem me vê, vê ao pai celeste...

Surtos de indignação

É possível com os próprios esforços e sem uma graça extraordinária impedir os ímpetos de impaciência e de cólera para não suceder assim com os ímpetos de indignação sem uma graça especial de Deus, porque seus ímpetos não procedem do psiquismo inferior senão do superior, pois a indignação nos indivíduos bem inervados, revela em caráter nobre, sensível e muito comunicativo, porém hiper-sensitivo em virtude do qual antes a vontade se determine o irascível reage em consequência do automatismo psicológico que não dá ocasião a que o psicológico se manifeste.

Aparentemente, isto é julgar do exterior é fácil confundir os surtos de indignação com os da cólera ou os da raiva. Há, porém, uma grande diferença, e vem a ser que essa indignação o indivíduo não perde propriamente a razão, como na cólera, tanto é certo que logo que ele cai em si, procura mudar de atitude como de fato muda, dando ocasião que muitas pessoas os classifiquem entre os nervos e os neurastênicos.

(...)

Saudades tenho muito eu também, mas não poderei determinar de que, porque é da saudade sentir saudades do passado geram cada um peso exigente tal qual o decair do dia nos pesam sobre o horizonte o crepúsculo vespertino. Companhia inseparável da saudade que as desaparecem também passar que ele se crie-se

fenômeno próprio, profundo e prolongado. São as magoas do passado que agora a trespassam por nossa mente produzindo os efeitos de um neurótico.

Capítulo II - A pouca fé

Parece incrível que tendo Jesus Cristo tão perto de nós, como os anjos o têm no céu, vivamos como se ele estivesse muito longe de nós. Parece incrível que estamos ele tão perto de nós e tornando-se tão acessível, não o procuremos em nossos templos, onde ele nos aguarda dia e noite, para fazer-lhe uma visita, consolá-lo e expor-lhe as nossas necessidades, agradecê-lo e pedir a sua benção e proteção.

E, no entanto, a presença de Jesus Cristo no sacramento do altar constitui um milagre, um prodígio ainda maior do que a criação do mundo. É que só nos impressiona o que raras vezes sucede e nos enche de maravilha pelas impressões que produz em nossos sentidos.

Pois saibam que se pudéssemos ver o que se passa no tabernáculo e em volta dele, sem o meio da fé, nunca mais nos apartaríamos dos pés de Jesus sacramentado. Porém, bem aventurados aqueles que vão em busca não do maravilhoso, senão de tudo o que traduz amor de um Deus que depois de haver salvado a humanidade, ainda quis antes de elevar-se ao céu, deixar-se no sacramento do altar como nosso alimento espiritual.

Influência do sangue sobre a vida de relação

Segue-se daqui que a atividade nervosa psicológica, é uma das condições essenciais para a atividade psíquica e, por conseguinte da vida de relação, porque se as células nervosas não forem continuamente e uniformemente irrigadas pelo sangue oxigenado, o tônus vital desaparecerá ou enfraquecerá, e neste caso os fenômenos das perturbações da vida de relação manifestar-se-ão. Não queremos com isto dizer que a vida de relação depende diretamente da circulação sanguínea e da respiração, porque conquanto estes dois fenômenos constituem condições essenciais ao funcionamento da vida animal ou sensitiva, porque é o sangue que circulando acarreta consigo todos os

elementos necessários às células nervosas, as quais neste caso são como as plantas que apesar de ter vida própria, todavia a retiram da terra e do ar.

Um fato semelhante a este se dá em sentido inverso com relação as perturbações dos fenômenos da vida psíquica propriamente dita sob a pressão principalmente das grandes perturbando a atividade fisiológica da circulação e da respiração.

Pelo que estas perturbações fisiológicas podem ser de origem somática ou psíquica. Daí a distinção entre centros nervosos e ganglionais, isto é psíquicos ou reflexos. Aos centros nervosos correspondem os gânglios da quando os centros da medula espinhal e alongada, os psicomotores (nervos) são os que dependem da vontade. Os reflexos, alguns ainda que individualmente, a vontade pode influir sobre eles. Aos primeiros dá-se o nome de involuntários aos segundos de voluntários. Os primeiros são inconscientes no estado normal; os segundos são conscientes também no estado normal. Daí a distinção entre movimentos consciente e inconsciente.

A dupla deficiência da vontade

Antes da culpa original, a vontade tornou-se deficiente, porque quis, pois, então, ela, além de ser livre de toda e qualquer correção moral ou física, só podia tender ao bem. Depois, porém, da culpa original ela se tornou deficiente por culpa própria por quanto não só pelas razões expostas, mais ainda porque solicitada pela vontade sensitiva, já desregrada, reforçou a primitiva deficiência em virtude dos estigmas, que atingindo os órgãos correspondentes aos fenômenos da volição, fez com que o homem pecasse, não só pela primitiva deficiência da vontade; mais ainda pelas inclinações aos atos contrários aos ditames da razão.

Assim é que, no primeiro caso, era a vontade agindo contra a própria vontade; e depois da culpa, era essa mesma vontade já enfraquecida pela primitiva deficiência, que com mais vigor ainda do que se dera no primeiro caso, regia e reagia contra as determinações da vontade racional, sob o influxo das conseqüências da culpa original, deixando-se suplantar pela vontade animal, em virtude do desejo suscitado pelo objeto correspondente e o movimento, independente da vontade intelectual, que logo se manifestou em força do automatismo fisiológico, que enfraquecendo a vontade acabou

por fazer com que ela perdesse seu poder inibidor, dando ocasião a que a vontade sensitiva triunfasse.

Sobre o reino de Jesus Cristo

Pelo fato de Jesus Cristo haver dito que o seu reino não era o deste mundo, não nos é lícito, de acordo com a hermenêutica das sagradas páginas, afirmar que o reino de Jesus Cristo é constituído pelo reino do céu. Porquanto, quando Jesus Cristo se referia a sua realeza, não entendia falar de si como um Deus, porque como tal, sendo ele consubstancial é igual ao seu Pai celeste, o seu reino era o reino dos céus. Entendia, portanto, Jesus Cristo falar da sua realeza como homem, em virtude da qual, ele havia feito jus, não só no reino de céu, mas ainda a todo universo.

E foi por este motivo que ele, depois de ressuscitado, aparecendo aos seus discípulos, declarou que Ihe havia sido conferido todo o poder sobre o céu e sobre a terra. (...)

O reino, portanto, de Jesus Cristo, não está circunscrito somente ao reino dos céus, mas ainda a todo o mundo.

É necessário, pois, admitir que, além do reino místico de Jesus Cristo, há de verificar-se um dia o seu reinado material e concreto, para que possam ser purificadas aquelas más palavras: *Data est miti* etc.

É por motivo talvez, que São Pedro afirma que depois da destruição do mundo, haverá um novo céu e uma nova terra. E por quem será habitada esta nova terra que existirá sob um céu igualmente novo? Senão pelos filhos de Deus adotivos e irmãos de Jesus Cristo, cujo reino não terá fim nem no céu nem na terra. E quem serão estes felizes habitantes do reino de Jesus Cristo sobre a terra renovada?

São provavelmente as crianças que morreram sem batismo e muitas outras criaturas que por motivos que ignoramos, mas podemos conjectura não poderão ver a Deus, mas gozarão de uma felicidade natural. A pessoa, portanto, purificada pelo fogo e renovada constituirá a sede do reino de Jesus Cristo porque foi da terra que ele tirou, quando jazia no seio do eterno, o universo mundo, e foi na terra que ele criou o primeiro casal ou primeiro homem à sua imagem e semelhança; foi a terra que Ihe serviu de berço à humanidade; foi na terra que viveram e nasceram tantos juntos do antigo e do novo testamento, santificando e nobilitando-a com seus feitos gloriosos; foi na terra que o verbo

se fez carne e habitou entre nós, foi na terra ele nasceu, cresceu, viveu, sofreu e morreu pendente de uma cruz para nos salvar; saturando-o com eflúvios de sua divina graça e com o seu preciosíssimo sangue; foi na terra que ele ensinou, pregou com a palavra e os seus exemplos a sua doutrina, a sua moral e edificou a sua santa Igreja, convertendo-o em uma mística arca de salvação. Foi na terra banhada com o seu suor de sangue e o sangue de tantos mártires, foi na terra, numa palavra, que é como um sepulcro glorioso, cujas cinzas em suas entranhas aguardam o som daquela trombeta universal, que fará com que os mortos saiam vivos dos seus sepulcros e unidos em seus corpos gloriosos remontem as alturas celestiais, ou permaneçam nessa nova terra debaixo de um novo céu; gozando eternamente de uma felicidade natural.

Sobre a vida interior

A vida interior é necessária a todos os que desejam ser o que de acordo com o fim pelo qual tendo criado Deus o homem, colocou sobre a superfície da terra. É pela vida interior que devemos iniciar o nosso bem espiritual, porque é dela que depende o bom êxito das nossas obras e merecimentos das mesmas. Porque aqui, ainda mesmo com um fim sobrenatural, sem que possamos participar da vida de Jesus Cristo que em todas as nossas ações se deve manifestar, seria o mesmo que tentar voar sem asas, aquecer sem calor, viver numa palavra da vida de graça que como nos enxerta ao corpo de Jesus Cristo, finda-nos participar de sua vida, que muito embora a recebamos pelos seus sacramentos. Todavia, sem a vida interior, não poderá produzir-se esse prolongamento dinâmico, em virtude do qual pensando, sentindo, querendo e agindo o faremos como Jesus, com Jesus e por amor de Jesus; por este mesmo sentimento que nos vem pela fé, que sem ele nada pudéssemos produzir de útil e meritório para a vida eterna. Porque ainda quando sob suas inspirações agimos em prol da sua glória e salvação das almas não vamos nem podemos deixar de ser entrementes em suas mãos, pois fora deste sentimento ainda mesmo nas coisas que se relacionam com o sobrenatural, nos expomos ao segundo própria à nossa atividade natural ou ao desastre, esse em que, muitos tem incorrido, encontrando a sua perfeição e atividade nas obras que se referem as obras que se referem à glória de Deus e santificação das almas, completamente da vida interior, sem a qual não nos será

dado apresentar aquelas qualidades em virtude das quais nos tornaríamos entrementes apropriados nas mãos de Deus.

Este é um erro muito sutil em que [podem] cair muitas pessoas, aliás piedosas; ou outros que não é menos e diabólico, é aquele em que [caíram] muitos outros e das almas, estabelecendo um método de vida interior ou para atingi-lo no qual todos deverão se ajudar se quiserem punir ou entrar nos segredos da vida interior. Razão pela qual, entre muitos outros meios assaz salutareos dos quais podendo, não devemos prescindir, orações, meditações, exames de consciência,, presença de Deus, retidão de intenção etc, contribuindo para este mesmo fato, para dificultar a vida interior, e afastar dela muitas pessoas que verdadeiramente se esforçam paraprover ou não.

É necessário, pois, manter a substância que contribui a vida interior, isto é, a unificação da nossa vontade [com] a vontade divina, mostrando-nos indiferente a tudo e só optando para este ou para aquele enquanto comportam as nossas forças morais e físicas e sem absolutamente preocuparmo-nos dos métodos que por ventura se propor, mas que nem a todos se devesupor, tendo em vista, a .

(...)

O resultado (débito?) de uma máquina a fricção é proporcional à velocidade de rotação e a extensão da superfície ou face friccionando e principalmente da pressão dos elementos que se friccionaram.

Os comboios representam o corpo sobre o qual o ar deslocado exerce a fricção. O trem posto em marcha os seus comboios friccionados pelo ar deslocado as negativamente, carregando o ar, a si próprio de eletricidade positiva. Ora as cargas dos comboios, perde-se no solo mediante os condutores metálicos dos comboios; enquanto a eletricidade positiva do ar ambiente não pode exercer permanece no ar sem produzir nenhum efeito logo no princípio da marcha do trem. Então a eletricidade dos comboios ajuda por influência sobre a eletricidade do ar, decompõe a eletricidade neutra, repele a positiva, atrai a negativa que vai se reunir a eletricidade positiva do ar. Há, pois, neutralidade. Porém logo em seguida recomeça o mesmo processo e assim por diante. Enquanto esse trem estiver em marcha, o ar, portanto, não cedendo eletricidade aos condutores metálicos de comboio, porque não faz outra coisa senão apoderar-se da eletricidade negativa, e é por isto que ele permanece carregado de eletricidade positiva. Ora a diferença de potencial que se estabelece entre o ar e os condutores metálicos dos comboios, ou melhor, entre aquele e a terra quando o ar está em comunicação com a

terra que se aprecia nas máquinas pelas centelhas que produz as suas descargas, recobrando-a eletricidade medianteos condutores metálicos com o ar mediante que foi dá-se uma corrente elétrica cujos efeitos são proporcionais ao débito, não só nesse caso se produz uma corrente, mas também quando separam o ar em comunicação com a terra e os condutores metálicos dos comboios com um condutor que se trata de carregar quanto maior for a quantidade que passa nas centelhas, mais intensos serão os seus efeitos. Ora esta quantidade depende essencialmente do débito da máquina, este depende do potencial igual a capacidade elétrica dos condutores.

(...)

Os atuais mesários da Arqui-confraria de N.S do Rosário estavam em falso suposto, qual é o de acreditarem que pelo pacto da mesma Arqui-confraria ter sido convenientemente na igreja N.S do Rosário, eles são senhores absolutos do mesmo templo e por favor da Paróquia de N.S do Rosário permaneceriam na igreja que lhes pertence como passam a provar.

1º. Porque antes que a arqui-confraria passa ereta, já a igreja do Rosário existia e era a matriz da Paróquia de N.S do Rosário mais de meio século antes.

2º. Porque existindo muito tempo antes a dita igreja, é óbvio que para a sua edificação teria sido nomeada uma comissão com aprovação eclesiástica, [ajudando] a angariar os meios necessários para a construção da mesma.

3º. Porque, segundo reza a tradição, mais tarde a imagem de N.S de Rosário foi transportada da Matriz para a igreja de N.S do Rosário. E neste caso, é preciso admitirmos, que já na Matriz existia um tal qual devoção a N.S do Rosário. Dado que já existisse essa devoção e que ela tivesse tido a idéia de levantar um templo a N.S do Rosário e que fato o tenha conseguido; o templo foi levantado a custa da piedade dos fiéis, e não da devoção; portanto uma suposta devoção então existente não podia alegar que a igreja do Rosário lhe pertencia. E dado e que lhe pertencesse com relação a certas e determinadas partes do templo que reservaram a si como o consistório, etc, a igreja não lhe pertencer nem mesmo essa parte a não ser que observassem certas cláusulas inerentes aos estatutos ou compromissos desta suposta devoção.

E ainda aqui, dado e não concedido que a dita devoção observasse fielmente o seu compromisso pelo fato de haver o Sr. D. Laranjeira conseguido do superior da ordem dos de São Domingos um diploma deda suposta

devoção a arquiconfraria da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário . A suposta devoção deixou de existir, entrando a nova instituição nas atribuições da antiga devoção de Nossa Senhora do Rosário. A arquiconfraria do Rosário alega que tem compromisso e que foi aprovado pela autoridade eclesiástica e reconhecida pela autoridade civil, porém até hoje por mais que se tenha procurado este compromisso impresso tanto no arquivo da irmandade, como da eclesiástica, não se encontrou. Apenas existe uma copia da carta de anexação do Geral dos Dominicanos.

Ora, como bem se vê, pelas clausulas deste documento de anexação para que a arquiconfraria de Rosário mantivesse os diretos, privilégios, etc e pudesse ser considerada como uma instituição viva, era necessário que só a essas clausulas. Ora, infelizmente, como se pode ver pelos documentos que existem no arquivo da Paróquia,essa agremiação religiosa, alguns anos depois da sua instalação canônica, foi pouco a pouco relaxando, tornando-se um centro de cabala e verdadeiras orgias, a ponto da Cúria nomear uma comissão da qual fazia parte o cônego, para verificar sobre fatos realmente escandalosos que, em parte, chegou-se a cientificar-se da realidade deprimente destes fatos.

Desde então foi cada vez mais declinando a arquiconfraria cujos membros na maioria, inclusive os mesários, eram homens amasiados e de conduta muito suspeita.

As eleições têm se feito sem a presença do vigário, quando menos pelo tempo de doze anos que aqui exerço a paróquia, fazem em beneficio da Igreja a não ser o ordenado que passam ao capelão. Só comparecem nas festas de, cujas esmolas são repassadas sem que o vigário tenham conhecimento do quanto tiraram ou gastaram. Não só não auxiliam o culto divino, mas muito parae muitas dificuldades.

São senhores das casas em volta da igreja nas quais habitam mulheres de vida, sendo muitas delas protegidas e amasiadas com os membros da mesma. Pelo que opino que já há muito deixou de existir esta arquiconfraria e que V. deveria nomear antes de tudo uma nova diretoria, a qual em conjunto com a comissão elaborar o novo compromisso.

E neste caso os antigos supostos irmãos da extinta arquiconfraria, caso quisessem fazer parte da nova arquiconfraria ou Irmandade deveriam estar pelo novo compromisso baseado na carta de anexação da Geral dos Dominicanos. Os que, porém não quisessem, passariam a ter com uma missa rezada de sétimo dia, caso apresentassem os seus diplomas de agregados a antiga arquiconfraria do Rosário.

E neste caso a autoridade eclesiástica concederia à nova instituição, mas não como doação a faculdade fr terem um ambiente ao lado da igreja para suas reuniões, passando tudo que pertencia à antiga arqui-confraria à nova paróquia de acordo com o que resolvesse a autoridade eclesiástica.

E tanto quanto deixaram para a Irmandade, seria empregado no culto divino, as festas das , para um cemitério, caso etc. Visto tudo se reverter para muitos casos por motivos morais ou naturais, venha a extinguir-se a Irmandade, a qual aplicaria para fins privados e obras de caridade dependentes da jurisdição eclesiástica.

(...)

O mesmo processo que usamos quando recorremos ao médico, havemos de usar quando recorremos aqueles que foram constituídos médicos de nossas almas. Que faz quando recorre ao seu médico de confiança? Expõe com toda a sinceridade e os seus males; respondendo a todas as suas perguntas sem absolutamente ocultar nenhuma circunstância que ele supor que possa influir. É a confissão. Ouve os conselhos que lhe dá o médico e segue a letra todas as suas prescrições, por mais impressionante que o sejam, é o firme propósito, a mortificação, a fuga sistematizada de tudo quanto possa influir para agravar o seu mal ou reproduzir as recaídas no mal.

E, no entanto, o médico pode no seu diagnóstico, e se sente pode errar na escolha dos meios mais adequados para debelar o mal. E, não obstante isto, confiando na sua proficiência, no conhecimento que ele possui em relação à arte de cessar ou aliviar os males corpóreos, confia a obedecer o E por quê? Por quê? Quer recuperar a sua saúde perdida.

Ora os esculápios(sic) pressupõem os meios infalíveis que a Igreja possui para curar todos os males que por ventura podem abater e enfurnar a nossa alma, não haveria doentes que eles não curassem, até as múmias mortas eles poderiam ressuscitar, pois Jesus Cristo deixou em sua Santa Igreja meios infalíveis para todas as doenças de nossas almas e até mesmo para ressuscitá-las à vida de graça e fazê-las [rejuvenescer] depois de haverem envelhecido na vida que renova e dá origem a decrepitude de nossas almas.

Pelo que em por tudo ainda nas coisas mais insignificantes que parece-nos que pode afastar-se ao contrário às [prescrições] de nosso médico espiritual devemos consultar a ele. Assim é necessário que se depois os ouvir quantas vezes devemos confessar, comungar, é que devemos agir. Assim quais os livros ou os assuntos

para nossa literatura espiritual e meditação, quais as práticas e devoções que devemos praticar, quais as agremiações das quais devemos fazer parte, caso ele nos; quais as virtudes que de preferência devemos praticar; quais as inclinações que devemos debelar e quais os meios dos quais nos servimos para consegui-los; quais as obras de misericórdia, corporais e espirituais que devemos praticar e como.....de praticar. Além disso nos que praticamos em certas e determinadas, renderemos conta de tudo que temos feito, das melhoras que temos obtido, das dificuldades que experimentamos em praticar esta ou aquela ação por ele prescrita, pela Igreja ou então antes a nossa reação, estado e posição social, quais as inclinações antigas ou recentes que nos molesta e quais as impressões que experimentamos quando elas se apresentam este, etc, etc.

(...)